



Vendo o Oceano de Uma Nova Maneira

Cruz Erdmann / Nova Zelândia

Para Cruz, estar debaixo d'água é como estar no espaço. Ele se sente sem peso. Pode mergulhar em qualquer direção e contemplar ao redor. “É como um sonho,” diz ele. “Nadar pelo oceano é como visitar outro planeta.” A princípio, a paisagem marinha infinita pode parecer vazia. Mas está realmente cheia de vida. Há plâncton fluindo pela água. Se você escutar com atenção, às vezes pode ouvir golfinhos clicando à distância, ou peixes-papagaio mastigando coral. E é possível ver recifes que estão repletos de vida: peixes de todas as cores e formas.

O oceano faz parte da vida de Cruz desde que ele nasceu. Seus pais se conheceram em Sulawesi do Sul, Indonésia, quando seu pai, um biólogo marinho, fazia doutorado, e sua mãe estava viajando pela Ásia. Depois, ela virou assistente de campo do pai dele, e então uma conservacionista marinha que trabalha com comunidades locais para ajudá-las a proteger seus recursos naturais. “Morando em Bali, sempre tem o oceano para onde você vai,” Cruz diz sobre seus primeiros oito anos de vida. “Eu simplesmente fui imerso nisso desde que nasci.”

A família de Cruz passava as férias na natureza, viajando pela Ásia e fazendo mergulhos. Às vezes ele acompanhava o pai em expedições, buscando espécies desconhecidas nas profundezas dos oceanos. Lá, ele era assistente de campo do pai, segurando potes e seringas enquanto ele documentava a vida marinha subaquática.

Quando Cruz tinha 10 anos, seu pai decidiu investir numa nova câmera subaquática para o trabalho dele. Então, depois de uma longa palestra sobre o valor do equipamento, Cruz teve sua primeira experiência com fotografia subaquática, usando a câmera antiga do pai. Ele recebeu uma rápida explicação sobre o que os diferentes botões da câmera faziam, mas dali em diante foi tudo sobre experimentar diferentes perspectivas e tentar capturar várias espécies debaixo d'água. “Não era algo que eu realmente pensava em levar a sério,” ele diz. “Era só diversão.”

Então, num dia, numa viagem de mergulho no Estreito de Lembah, ao norte de Sulawesi, Indonésia, com a câmera na mão, ele teve um encontro inesperado com uma lula Bigfin Reef Squid. Cruz levantou a câmera e apertou o obturador. Na foto, o animal paira no breu, brilhando em diferentes tons de azul, verde, marrom e vermelho, com seus tentáculos estendidos à frente. Isso rendeu a Cruz o prêmio Jovem Fotógrafo da Vida Selvagem do Ano, organizado pelo Museu de História Natural de Londres. “Ganhar

esse prêmio foi uma verdadeira oportunidade para firmar meu pé,” ele diz. “Sempre quis fazer algo que girasse em torno da mídia, ou arte, ou ciência, em relação aos oceanos.”

Receber o prêmio abriu mais portas para Cruz, então com 14 anos: ele foi convidado a falar no Fórum de Davos, na Suíça, o encontro anual dos principais líderes econômicos, dignitários, celebridades e chefes de estado. Ele ficou encantado em conhecer a Dra. Sylvia Earle, uma bióloga marinha que admira muito, que falou lá e disse: “Gostaria que vocês usassem todos os meios à disposição—filmes, expedições, a web, novos submarinos—para criar uma campanha que gere apoio público para uma rede global de áreas marinhas protegidas—‘pontos de esperança’ grandes o suficiente para salvar e restaurar o coração azul do planeta.”

E ao iniciar sua apresentação, Cruz disse: “Piscamos de 15 a 20 vezes por minuto. Por quê? Piscamos porque nossos olhos ainda não se adaptaram totalmente a ver fora da água.”

“A vida em nosso planeta é moldada pelos oceanos,” Cruz diz. Correntes oceânicas regulam a temperatura da Terra. Plâncton e outras plantas marinhas produzem mais de 60% de todo o oxigênio da nossa atmosfera. Mas a atividade humana está destruindo a biodiversidade e os complexos ecossistemas que sustentam a vida subaquática. “É um grande recurso natural,” diz Cruz. “Mas se tornou descartável, e estamos levando-o ao limite.”

Crescendo na Indonésia, Cruz pôde testemunhar a importância da vida marinha e dos recifes de coral para as comunidades locais. “Recifes de coral são fábricas de peixes,” disse Cruz no palco de Davos. “Eles produzem uma grande quantidade de massa de peixes que se espalha para os ecossistemas ao redor, ligando-os à cadeia alimentar que se estende para o oceano aberto.”

Os oceanos fornecem sustento para pessoas onde plantações simplesmente não crescem, e outros recursos naturais não estão disponíveis. Ecossistemas como recifes de coral sustentam populações costeiras, assim como toda a vida no oceano. Mas as mudanças climáticas estão causando o branqueamento e a morte dos corais mais do que no passado. “A maioria dos branqueamentos ocorre durante os eventos de aquecimento do El Niño,” Cruz diz. “E esses eventos agora são mais intensos e mais comuns, devido às mudanças climáticas.”

Durante viagens de mergulho na Indonésia, Maldivas, Papua Nova Guiné e Ilhas Salomão, Cruz notou que alguns recifes de coral são mais resilientes às mudanças de temperatura do que outros. Mas ele acrescenta, “A maioria está sofrendo muito pelo mundo.”

Cruz explica que a invenção das redes de arrasto e a pesca em grande escala levaram a um novo nível de consumismo que simplesmente não é sustentável. “Por muito tempo, se assumiu que poderíamos pescar o quanto quiséssemos, sem dizimar populações. Mas não podemos.”

O principal problema, como Cruz argumentou no palco de Davos, é que nos desconectamos tanto dos oceanos. Compramos nossa comida nas prateleiras dos supermercados, sem pensar duas vezes de onde ela veio. Isso significa que a maioria das pessoas não está ciente dos efeitos negativos que suas decisões como consumidores causam ao meio ambiente—efeitos que incluem sobrepesca, poluição e destruição de habitats.

“Basicamente, nos acostumamos como consumidores do oceano,” ele diz. “E isso não parou, mesmo sabendo que tem um impacto muito negativo.”

Outra ameaça causada pelas mudanças climáticas é a acidificação dos oceanos. Isso acontece quando os oceanos têm que absorver mais dióxido de carbono da atmosfera do que o normal. Isso muda o equilíbrio químico da água do mar, e muitos organismos não conseguem mais crescer adequadamente. Ostras, mexilhões e plâncton podem até se dissolver se a água estiver muito ácida. “Se as bases das nossas cadeias alimentares oceânicas não conseguirem crescer suas conchas, as consequências serão desastrosas,” diz Cruz. “É um problema sério, com consequências reais que afetam cada um de nós, não importa o quão longe do oceano vivamos.”

Cruz quer mudar a forma como olhamos para o oceano. Ao compartilhar imagens fotográficas poderosas, ele quer dar um rosto às criaturas que vivem debaixo d’água—e nos ajudar a ver que nosso modo atual de vida não é sustentável.

Como fotógrafo subaquático, Cruz sente que é sua responsabilidade criar uma ponte entre os humanos e o oceano. “Quero capturar a atenção das pessoas sobre um mundo que talvez nunca tenham visto antes,” ele diz. “E permitir que desenvolvamos uma melhor apreciação pela nossa dependência do oceano.”

Ele tem especial interesse em fotografia macro, na qual os objetos fotografados estão muito próximos da lente. “É como explorar um mundo escondido com olhos muito mais nítidos do que os meus,” ele diz.

Muitas pessoas não pensam nos peixes como animais. É difícil imaginar que eles possam sentir dor, e ainda mais difícil ter empatia por eles. Mas peixes—especialmente os pequeninos que Cruz gosta de fotografar—são o “arroz do recife.”

“Sem eles, o ecossistema do recife de coral desmoronaria e passaria fome,” ele diz. “Eles são a base da alimentação; mantêm os ecossistemas do recife de coral funcionando.”

Num mergulho recente nas Maldivas, Cruz foi tomado por um sentimento de admiração. Ele estava cercado por vida marinha. Ao redor, o oceano inteiro estava cheio de tubarões, peixes e arraias. Animais que ele raramente via na Indonésia apareciam em dezenas num único mergulho.

“Ouvi histórias sobre como o oceano costumava ser tão cheio e rico, e tão repleto de vida,” ele diz. “Só entendi de verdade quando vi aquele ponto de mergulho—é assim que deveria ser! O clique e estalo das criaturas no recife, e o som dos peixes passando, era ensurdecedor.”

“Se você realmente ama ou acredita em algo e quer fazer algo a respeito, não importa o quão pequeno você se sinta, você deve fazer,” ele diz. “Porque se você fizer o que ama, e lutar pelo que acredita, no fim das contas, você vai conseguir.”

Proteja os sistemas naturais como se sua vida dependesse disso, porque depende! Nossa vida depende de fazer as pazes com a natureza.

— Sylvia Earle

Chamada para Ação:

A beleza natural e a vida estão ao nosso redor! Pegue a câmera. Inspire outros a proteger o meio ambiente.

Siga Cruz no Instagram: @cruzerdmann

Stone Soup Leadership Institute

www.stonesoupleadership.org

www.soup4youngworld.com